



O rap e a educação: *quando aprender faz sentido*

Flávio Eduardo Assis¹
Stephanie Reist²

-
- 1 Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. *E-mail*: flavioeduardo@id.uff.br
 - 2 *E-mail*: Pós-doutorado em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. *E-mail*: stephanie.reist@gmail.com

RESUMO

O presente artigo é composto pela narrativa de uma série de encontros que aconteceram dentro de um Centro Integrado de Educação Popular (Ciep), em Morro Agudo, Nova Iguaçu, onde percebemos o educando como produtor do conhecimento por oposição ao papel de repositório que por vezes lhe é imposto. Nesse sentido buscamos compreender os motivos que fizeram com que estudantes, que supostamente tinham defasagem na aprendizagem, se desenvolvessem e mudassem seu comportamento após a participação em atividades culturais dentro da escola, sendo mais específico, experienciando a prática do #RapLAB, um laboratório de rap que mescla rodas de conversa, composição e gravação de música.

Palavras-chave: Rap. Hip hop. Educação. Escola.

ABSTRACT

This article is a narrative of a series of meetings that took place within a Centro Integrado de Educação Popular (Ciep), in Morro Agudo, Nova Iguaçu, where we perceive the student as a producer of knowledge as opposed to the role of repository that is sometimes imposed on him. In this sense, we sought to understand the reasons why students of this school, who supposedly had a learning disability, developed and changed their behavior after participating in cultural activities within the school, being more specific, experiencing the practice of #RapLAB, a laboratory of rap that mixes wheels of conversation, composition and recording of music.

Keywords: Rap. Hip Hop. Education. School.

1 INTRODUÇÃO

O que motivou a escrita deste artigo foram uma série de encontros que tivemos com dois dedicados educadores de um Centro Integrado de Educação Popular (Ciep),³ em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, mais precisamente situado no bairro Morro Agudo, em Nova Iguaçu, onde os mesmos levantaram questões relacionadas com a mudança de comportamento de alguns estudantes após a participação em atividades culturais dentro da escola. Um deles, Cleber Pacheco, é professor de geografia, e o outro, Antônio Feitoza, é animador cultural.⁴ Ambos sempre se empenharam ao máximo para proporcionar experiências diferenciadas para os(as) estudantes, principalmente fora dos

-
- 3 Os Cieps foram criados na década de 1980 por Darcy Ribeiro, quando era Secretário da Educação no Rio de Janeiro, no governo de Leonel Brizola (1983–1987 e 1991–1994), tinha como objetivo oferecer ensino público de qualidade em período integral aos estudantes da rede estadual. Os governos que sucederam aos de Brizola não deram continuidade administrativa ao projeto, desvirtuando-lhe a sua principal característica: o ensino integral.
 - 4 O trabalho de animação cultural desenvolvido nos Cieps é uma proposta do educador Darcy Ribeiro. Essa proposta possui como finalidade interagir a cultura da comunidade com o sistema formal de ensino, procurando criar uma ponte de mão dupla entre a escola e a vida comunitária.

muros da escola, buscando ampliar o capital cultural (BOURDIEU, 1998) destes. De acordo com Andrade (2014);

a noção de capital cultural desenvolvida por Bourdieu [...], compreendida como o conjunto dos elementos materiais e imateriais decorrentes dos investimentos pessoais e das heranças culturais familiares no processo de formação de uma pessoa chama atenção para os processos educativos além da relação entre os investimentos monetários e o desempenho escolar.

É recorrente a visita dos estudantes desta escola a cinemas, museus, teatros, entre outros, contudo, tais atividades somente acontecem por iniciativa dos educadores que entendem a importância dessa relação dos estudantes com o mundo além da escola.

Certa vez, nesta escola, os educadores – metade por obrigação e metade por vontade própria – tiveram que produzir uma música e um vídeo para um concurso interno da rede estadual que a escola participaria. Os educadores, e por sua vez a escola, não possuíam os equipamentos e a experiência necessária para executar tal tarefa, e então decidiram recorrer a parcerias externas, e então, fazer com que, desta vez, ao invés de a escola perambular pela cidade, a comunidade que perambulava por dentro da escola, ampliando ainda mais as possibilidades de produção do saber, indo na contramão da ideia do “ensino bancário”, como nos explicou Paulo Freire (2017), e foi assim, desta forma, que comecei a fazer parte desta história.

A escola perambulante é tecida por todos estes percursos de aprenderensinar, pois reconhece a sua incapacidade de controlar os processos de conhecimento de cada um. Sendo perambulante, esta escola permite aos estudantes se sentirem pertencentes a um lugar até então distante de suas redes. Ao caminharem pela cidade, conhecendo ruas, histórias e lugares, os estudantes tecem novas significações e conhecimentos com seus passos, se inscrevendo na gestação do tecido urbano. (ANDRADE, 2014)

Convidaram-me para apresentar o #RapLAB pela primeira vez na escola com o objetivo de compor uma música e produzir um vídeo com a participação dos estudantes, cujo o tema deveria estar diretamente ligado aos Jogos Olímpicos. Este tema era uma das regras do concurso que a escola estava participando.

O #RapLAB é uma prática desenvolvida para provocar a produção do conhecimento em rede, auxiliar no desenvolvimento cognitivo dos jovens usando o *rap* como um campo educacional que permite trabalhar a subjetividade estética, o trabalho em grupo, a leitura de mundo, a cidadania, a prática da democracia, o conceito de valores e etc., simultaneamente trabalhar com a inovação tecnológica através de equipamentos de gravação de áudio, aplicativos, *smartphones* e computadores para pesquisa na internet; a criatividade através da tessitura de frases e de rimas; e a dinamização em microatividades que remetem a jogos coletivos.

Eu, Flávio Eduardo, sou *rapper* e meu nome artístico é Dudu de Morro Agudo. Sou fundador de uma instituição de *hip hop* criada há 18 anos e que trabalha principalmente com jovens das periferias da Baixada Fluminense. Quando criei o formato do RapLAB, meu objetivo era fazer algo diferente do que já havia sido feito sobre/com o *rap*, isto é, algo que fosse além das aulas de escritura de rimas. Desejava desenvolver algo que fosse capaz de fazer com que uma pessoa que nunca teve contato com o *rap* fosse capaz de experimentar o processo de composição – produção de conhecimento, mas para isso essa atividade deveria acontecer em no máximo três horas, para não ser cansativa, para que os participantes não perdessem o foco e para que a atividade pudesse ser realizada nos turnos escolares.

Após alguns testes, cheguei a um formato simples e eficiente, no qual uma equipe, formada por dois profissionais, sendo um orientador, também chamado de provocador, pois ora orienta e ora provoca, e um auxiliar, que ajuda na montagem dos equipamentos e na apresentação das atividades, se reúnem com um grupo de cinco

a 20 pessoas, para primeiramente discutir determinado tema, que normalmente é definido coletivamente, mas não impede que o orientador apresente um tema pré-definido para ser discutido pelo grupo, como neste caso em específico, discutiríamos sobre os Jogos Olímpicos.

A ideia é, além de trabalhar os aspectos intelectuais, processando informações de forma ágil, e assim desenvolver o raciocínio e abrir caminho para as capacidades de autorreflexão e introspecção, também trabalhar com aspectos sociais como o trabalho coletivo e o respeito à diferença.

Na prática funciona, portanto, da seguinte forma:

- ❖ Todos se posicionam em círculo iniciando uma dinâmica de apresentação para quebrar um pouco a timidez, e para que o grupo também possa se conhecer e iniciar uma interação. Para auxiliar nesse processo de discussão outros materiais podem ser utilizados, como vídeos, jogos, smartphones, etc... Neste dia, utilizamos revistas, celulares e computadores com acesso à internet como fonte para pesquisa, para que o tema proposto pudesse ser discutido em grupo;
- ❖ Após 30 ou 40 minutos de discussão, iniciasse o processo de composição, no qual o orientador explica as regras do jogo, que são:
 - O grupo diz dez palavras que mais se destacaram durante a discussão do tema;
 - As palavras são escritas em um quadro, formando uma lista, para que fique visível a todos;
 - A partir daí, um dos participantes deve falar uma frase, utilizando uma das dez palavras da lista, e então a frase é escrita no quadro para que fique visível a todos. A palavra escolhida é riscada da lista para que não seja utilizada novamente;
 - Um outro participante deve utilizar outra palavra da lista e dizer uma nova frase que complemente a frase anterior e que rime;

- Um mesmo participante não pode falar frases duas vezes seguidas para construir uma rima;⁵
- O processo continua até que oito rimas, no mínimo, sejam tecidas coletivamente.
- ❖ Após essa fase, começa-se o ensaio, que é um novo e importante momento de interação, além de ser prazeroso, pois é onde alguns se sentem mais seguros para participar, onde se reconhecem como parte do todo, pois estão ali cantando algo que foi produzido por eles próprios.
- ❖ A última fase da atividade é a gravação da música em um estúdio móvel.⁶ Que é também, para alguns, um momento de descoberta e experimentação.

Mas desta vez, em específico, ideia não era somente construir uma música, mas também um vídeo. Então ao invés de trabalharmos em três horas, trabalharíamos em seis horas, divididas igualmente em dois dias.

A ideia inicial era compor um *rap* falando sobre os diversos esportes olímpicos, mas havia grande resistência por parte dos estudantes por causa do total desconhecimento de alguns desses esportes, como, por exemplo, o *badminton*, um esporte inglês, parecido com o tênis; e o *rugby*, um outro esporte inglês, bastante confundido com o futebol americano.

Apesar de já terem ouvido falar de alguns outros esportes como esgrima, golfe, hipismo, entre outros, não havia nenhuma relação afetiva entre eles e esses esportes, ainda assim, o fato de não conhecerem alguns dos esportes gerou uma curiosidade que serviu de combustível para que realizassem pequenas pesquisas. De certo que eu também não conhecia muitos destes esportes e fui conhecendo juntamente com estes jovens que ali estavam num processo de aprender-ensinar.

.....

5 Rima é a uniformidade de sons na terminação de dois ou mais vocábulos.

6 O Estúdio móvel é composto por uma série de equipamentos de gravação de áudio, que pode ser montado e desmontado facilmente.

Inquestionavelmente a unanimidade foi o futebol. Meninos e meninas contaram diversas histórias de experiências e lembranças que tiveram com o futebol, nas ruas, na escola, em estádios, etc.

Dentre as diversas histórias que trouxeram, pudemos perceber que nas periferias existem diversas modalidades de futebol, com regras próprias, como, por exemplo, o chamado “golzinho”, “travinha” ou simplesmente “pelada”, em que normalmente ficam três atletas de cada equipe, não há goleiro, o gol é uma trave bem pequena, que pode ser feita de cano PVC, com latas ou apenas com um par de chinelos, normalmente são cinco minutos de jogo ou o primeiro que fizer dois *gols* ganha a partida. Mas também existem modalidades como “um toque”, “altinho”, “bobinho”, etc.

O futebol é um esporte extremamente popular nas periferias, principalmente por sua sociabilidade e facilidade de prática, o que também me leva a acreditar ser o mesmo motivo que faz com que o *rap* seja tão praticado nas periferias de todo o mundo.

O *rap* aqui praticado com os educandos, apesar de trazer características do fundamento da cultura *hip hop*, não está diretamente ligado às ideologias desta cultura, aqui se trata de uma experiência, uma experimentação, um laboratório. Nas ruas, o *hip hop*, segundo Cornel West, no prefácio do livro *Hip Hop e a filosofia*, tem três objetivos básicos, que são:

criar uma diversão agradável e uma arte séria para os rituais dos jovens; criar novas maneiras para escapar da miséria social; e explorar novas respostas para significado e sentimento em um mundo dirigido ao mercado.
(DARBY; SHELBY, 2006, p. 15)

Durante a prática, os outros educadores enxergaram a possibilidade de trabalhar temas transversais, como o meio ambiente e a relação dos estudantes com a escola, mas principalmente a ética (respeito mútuo, justiça, diálogo, solidariedade), porque um dos jovens, que chamaremos aqui de Claudio Jorge – para identificá-lo, pois o trarei

em outros momentos deste texto – que é portador de necessidades especiais, era constantemente desrespeitado pelos outros estudantes. Segundo os educadores, a prática do *bullying*⁷ contra ele era recorrente.

No decorrer do bate-papo sobre as experiências que o futebol proporciona e proporcionou na vida de cada um, os estudantes que mais praticavam o *bullying* contaram histórias de quando se sentiram desrespeitados, às vezes por policiais, outras vezes por criminosos, nos campos de várzea do bairro, e então foram convidados pelo orientador/provocador a fazer uma reflexão sobre suas próprias atitudes, principalmente suas atitudes contra os seus colegas da escola.

Dessa maneira horizontal, começamos uma discussão sobre *bullying* a partir da vivência dos educandos, respeitando sua opinião, mas também conduzindo e sendo conduzidos por um novo caminho de experimentação de produção do conhecimento. Cruzamos uma estrada inteira, saindo aparentemente de uma discussão sobre esportes e entrando então em um outro campo sem perder o fio de meada.

Após essa reflexão sobre o *bullying*, eles foram questionados, como motivo de provocação, sobre qual era o significado das Olimpíadas. Então foi comum aparecer palavras como amizade, amor, respeito, coragem e determinação.

Os professores disseram-me que a escola tentou, por vezes, sem sucesso, realizar uma campanha contra o *bullying*. Entretanto não conseguiram estabelecer uma comunicação eficaz com os estudantes, nem com os que sofriam e nem com os que praticavam. Esta escola, como toda escola praticante do ensino bancário (FREIRE, 2017), ao invés de construir uma campanha com os estudantes,

.....
7 Segundo a Lei nº 13.185/2016, o *bullying* é a intimidação sistemática, violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação, como ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros.

tentava impor, verticalmente, de cima pra baixo, o conteúdo propagandista. E os professores cumpriam as ordens à risca.

A ação de um educador humanista, revolucionário, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador. (FREIRE, 2017, p. 51)

Por conseguinte, Claudio Jorge disse: “*Tio Dudu, temos que ter amor por nossas amizades*”.

Claudio Jorge, que tinha problemas motores, apesar de ser um dos jovens mais discriminados da escola, foi, sem sombra de dúvidas, o mais participativo na atividade, foi o que colaborou com a primeira palavra da lista, abrindo caminho para os outros estudantes; foi o que disse a primeira frase da música; e também foi o primeiro a gravar. Todos os outros estudantes, talvez pela primeira vez, o seguiram e o respeitaram.

A discussão em torno do tema “Olimpíadas” nos levou por caminhos inimagináveis e impossíveis de programar previamente, nesse sentido coube a nós, educadores, passear por esses caminhos junto com os educandos, descobrindo cada novo subtema que surgia, “desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. (FREIRE, 2017, p. 56)

Foi uma discussão rica, na qual os 20 estudantes, juntos, compuseram a música abaixo,⁸ que levava o nome da escola.

*É o esporte, transformando o mundo inteiro
Amor pela amizade
Nas Olimpíadas mostrando a força de vontade*

8 Ver mais em: #RapLAB - 172 nas Olimpíadas (Clipe Oficial). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ubt0zP6rM-g>. Acesso em: 11 jun. 2019.

*lutando pela igualdade, buscando a liberdade
no meio da sociedade com inspiração,
coragem, respeito e determinação
Com excelência o Rio de Janeiro só tem campeão
É o esporte transformando o mundo inteiro
trazendo alegria para o povo brasileiro.*

Segundo a análise de Thompsom (2006, p. 125) a letra de *rap* composta coletivamente conflita com a forma tradicional de se produzir a letra de *rap*, onde a mesma deve ser “um testemunho genuíno do verdadeiro eu do letrista; dizendo a verdade do ponto de vista de uma pessoa real”, contudo a composição acima surge como um novo ponto de vista coletivo, uma verdade na qual as sobras foram podadas, permitindo que ficassem somente os pontos de convergência.

Entendo que considerar o que o educando sabe, pensa e sente é fundamental para que todo o processo faça sentido para ele, desta forma ele se sente parte do processo, “pois ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 1996, p. 9) e

percebendo e vivendo acontecimentos nos múltiplos cotidianos em que vivo, ser capaz de buscar aproximar os conhecimentos criados em cada um, traçando analogias que melhor me permitam compreender o cotidiano vivido nas escolas para ser capaz de traçar melhor as redes necessárias ao entender. (ALVES, 2001, p. 22)

Ao estabelecer uma relação de parceria e confiança com os educandos, deixando de lado o peso da reprovação de suas ideias, mas ao contrário disto, incentivando sua participação na atividade, foi possível notar em pouco tempo a mudança em seu comportamento, que antes era de extrema desconfiança, principalmente pelo fato de provavelmente não terem escolhido estar ali participando desta atividade, foram de alguma forma forçados, por uma participação

mais natural e espontânea. A desconfiança aos poucos foi ficando de lado, e a confiança (em si) foi se sobrepondo de forma orgânica. Após a gravação da música, alguns jovens a copiaram para seus *pen-drives*, outros colocaram em seus celulares e em seguida enviaram para outros jovens por *bluetooth*,⁹ enquanto alguns solicitavam que a música fosse enviada para seus *e-mails* como uma forma de *backup*, isto é, uma cópia de segurança, e alguns, para facilitar o acesso de outras pessoas, pediram que a música fosse postada no Soundcloud, uma plataforma *online* de publicação de áudio. É notório que os estudantes da turma de correção de fluxo, cujo o rendimento escolar é supostamente defasado, dominavam com maestria as novas tecnologias de informação e comunicação, nas quais, muitas vezes, o educador é quem tem um conhecimento defasado.

Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transação de conhecimento? Não se trata aqui de usar a tecnologia a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno. (LÉVY, 1999)

A euforia foi grande. Eles queriam mostrar para todos a música que acabaram de criar, então começaram a dispersar. Por outro lado, havia um problema, pois ainda era preciso pensar no roteiro do videoclipe para gravarmos no dia seguinte. Não havia muito tempo para detalhar, então simplesmente combinamos que o videoclipe seria sobre um jogo de futebol na escola. Todavia sugerimos que

9
9 *Bluetooth* é uma especificação de rede sem fio de âmbito pessoal que provê uma maneira de conectar e trocar informações entre dispositivos como telefones celulares, *notebooks*, computadores, impressoras, câmeras digitais e consoles de *videogames* digitais através de uma frequência de rádio.

todos pensassem nos detalhes em casa para que pudéssemos gravar no prazo de três horas no dia seguinte.

Este processo de gravação de vídeo era extremamente novo, não somente para os estudantes, mas também para mim e para os outros educadores. Estávamos todos nós, educadores e educandos, no mesmo quarto escuro, e confesso que por algumas vezes pensei na hipótese de algo dar muito errado e por isso não concluirmos o videoclipe.

Eu jamais me questioneei se deveria ou não continuar com esse processo, pois mesmo sabendo que havia a possibilidade de algo não dar certo, ou não acontecer conforme eu esperava que acontecesse, considero que essa é a magia de se pesquisar o/com/no cotidiano, são as incertezas, e assim como Alves (2001, p. 23) nos conta,

mais uma vez [...] vou ter que me lançar ‘no mergulho’ sem a ‘bóia’ que as categorias e as classificações significam, admitindo que esse estado de absoluta instabilidade e insegurança é o único ‘abrigo’ que me é concedido.

No dia seguinte, alguns estudantes chegaram com propostas para a gravação e com aquilo que, segundo eles, seria o roteiro, praticamente pronto. Aprendi, neste momento, aquilo que Paulo Freire (1996, p. 8) dizia quando afirmava que “é neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

A sinopse do videoclipe dizia o seguinte: um estudante, o Claudio Jorge, estará sentado em um banco, sozinho, como de costume, com uma bola embaixo do pé. Triste, porque ninguém quer brincar com ele, até que uma menina vai em sua direção, pega a bola e o chama para jogar. Aquela brincadeira vai contagiando toda a escola com o “espírito do esporte”, até que todos estão na quadra jogando. Claudio Jorge dá o passe, de cabeça, para que, segundo os próprios estudantes, o jogador mais habilidoso marque o gol. Então todos comemoram o feito coletivo. O jogador que fez o gol cumprimenta

Claudio Jorge com um aperto de mão e então uma das meninas o abraça e ele sorri orgulhoso de si.

A teoria estava perfeita. A escola parou para a gravação do clipe. Contudo tivemos alguns muitos desafios a serem enfrentados, como, por exemplo, o videoclipe teve que começar a ser gravado de trás pra frente, porque os estudantes começaram a jogar bola na quadra e não queriam mais parar. Só consegui entender essa atitude dos estudantes depois, quando enfim conversei com alguns professores, que disseram que os estudantes eram proibidos de usar a quadra da escola.

Como tínhamos o roteiro em mãos, gravamos as últimas cenas primeiro.

Começamos a gravar primeiro a parte final, no qual o Claudio Jorge daria o passe de cabeça para que o outro jovem marcasse o gol da vitória.

Tentamos por quase 20 vezes para que o Claudio Jorge acertasse a cabeçada. Alguns estudantes já estavam impacientes, enquanto outros torciam para que ele acertasse. Ele tentava cabecear, e por algumas vezes achei que ele errava propositalmente, como tática para continuar sendo o centro das atenções. Até que de repente, ele acertou a cabeçada e todos comemoram.

Na cena final do clipe, uma das alunas deveria abraçá-lo e então ele, por sua vez, sorriria. Contudo algumas meninas não queriam abraçá-lo, até que uma delas decidiu que o abraçaria, e o abraçou. Mas abraçou derrepente, antes do combinado, e o rapaz por sua vez deu o sorriso mais espontâneo, lindo e sincero que jamais seria possível em uma interpretação. Era uma poesia, que por sorte – e um ensinamento que tive com Eduardo Coutinho lendo suas entrevistas – estávamos gravando o tempo todo. Ele diz que é importante “filmар sempre o acontecimento único, que nunca houve antes e nunca haverá depois” e foi o que fizemos. (COUTINHO, 2009, p. 21)

Depois disso deixamos alguns dos estudantes jogando bola na quadra, enquanto outros estudantes desceram para o pátio para gravar o início do videoclipe comigo.

Após todo o processo de gravação, fomos eu e alguns estudantes editar o vídeo, enquanto outros continuaram jogando futebol na quadra. Pude perceber que, apesar de muitos terem participado da composição, da gravação, da elaboração do roteiro e da gravação, algumas coisas ainda não faziam sentido para eles, pois nunca haviam composto e gravado uma música, nunca haviam visto um *software* de edição de vídeo, não conheciam o processo de montagem, a sincronização do áudio com o vídeo, entre outras coisas, mas quando viram o vídeo pronto... Eureka!¹⁰

Parecia que finalmente tudo aquilo havia feito sentido de uma só vez, e como resultado surgiram muitas propostas de novas músicas e roteiros para novos clipes e filmes, sobre assuntos variados, inclusive surgiu também a proposta para a produção de um evento de lançamento da música e do videoclipe dentro da escola. Um evento que fosse aberto para a comunidade, para que seus amigos e parentes pudessem participar.

Veja bem, cerca de 20 adolescentes conversaram a respeito dos Jogos Olímpicos, pesquisaram, debateram, compuseram coletivamente uma música, ensaiaram, prepararam o roteiro e filmaram um videoclipe, sem imposição dos educadores sobre o que deveria ou não ser discutido ou feito, onde os educadores apenas propuseram o tema e provocaram a discussão, “convencidos definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1996, p. 7)

No momento em que a atividade acontecia, tudo me parecia profundamente natural, contudo, após o término, em uma conversa de avaliação com os educadores Cleber Gonçalves e Antônio Feitoza,

.....
10 Eureka é uma interjeição que significa “encontrei” ou “descobri”, exclamação que ficou famosa mundialmente por Arquimedes de Siracusa.

algumas colocações de ambos me chamou a atenção, como por exemplo:

- Os estudantes que inicialmente participariam das atividades, seriam apenas os da turma de correção de fluxo;¹¹
- Muitas meninas, por iniciativa própria, se inscreveram para participar da oficina, o que não é natural nas oficinas de rap, nas quais o número de participantes do sexo masculino são sempre maiores;
- E por último, o que chamou muito a nossa atenção foi a curiosidade e o interesse de alguns estudantes que, inicialmente não se inscreveram para participar da atividade, mas na hora em que a atividade estava acontecendo, ficaram olhando pela fresta da porta, logo depois entraram e foram para o fundo da sala, onde observaram por um curto período de tempo, talvez para fazer o reconhecimento e se familiarizar, mas logo em seguida começaram a participar, colaborando com suas opiniões e pontos de vista sobre o que estava sendo discutido.

Concordo com Alves (2001, p. 18) quando ela diz que “torna-se necessário, se quero trabalhar com o cotidiano escolar, entrar nas salas de aula de baixo, desse prédio, e sentir a falta de luz e o cheiro de mofo”, pois seria impossível entender o comportamento dos estudantes, sem viver e sentir o que eles vivem e sentem no dia a dia da escola, o que, no meu caso, só foi possível inicialmente conversando com professores, com os estudantes e vivendo o ambiente escolar.

Quanto aos estudantes e o evento que estavam planejando, acredito que mesmo sabendo que a direção da escola provavelmente não permitiria mais da metade das atividades que estavam propondo, naquele momento eles se permitiram sonhar, e as propostas foram surgindo aos montes.

.....
11 Correção de Fluxo: medida política e estratégica utilizada para adequar a série à idade dos estudantes no ensino fundamental.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. (FREIRE, 1996)

Então os educadores Cleber Gonçalves e Antônio Feitoza começaram a questionar o papel da escola e a sua relação com a comunidade, pois os estudantes naquele momento, durante aquelas atividades, estavam comprometidos com a escola como nunca antes, e provavelmente não lutar por uma escola que fosse mais aberta, uma escola que dialogue com os estudantes, talvez iniciasse um processo de regressão da participação dos estudantes.

Foram dois meses de negociação entre os estudantes e os educadores; e entre os educadores e a direção da escola, até que chegaram a um acordo.

Na negociação entre os estudantes e os educadores, ficou acordado que os educadores negociariam com a direção da escola a participação da comunidade no evento e que também tentariam conseguir os equipamentos necessários para a realização das atividades. Ficaram os estudantes incumbidos de participar de todo o processo de produção do evento, desde a limpeza do espaço, antes e depois do evento, da divulgação, da montagem dos equipamentos, da participação das atividades e etc.

E na negociação entre os educadores e a direção da escola ficou acordado que toda a responsabilidade sobre o evento seria dos dois educadores, e que a escola não teria recursos para a realização do evento. Então os educadores precisaram mais uma vez fazer parcerias externas para conseguir uma série de equipamentos e recursos para a compra de água e alimentação, além de iniciar um processo

de sensibilização dos estudantes, pois se algo de ruim acontecesse, nunca mais outro evento deste tipo aconteceria na escola.

Dois meses depois o evento finalmente aconteceu, em parceria com o Instituto Enraizados, a Lynx, empresa que faz a responsabilidade social da empresa Ambev, e outros parceiros locais.

Os portões do colégio foram abertos para a comunidade para que pais e amigos dos estudantes participassem, contudo, um carro de polícia, solicitado pela direção da escola, ficou fazendo a escolta durante todo o tempo em que o evento aconteceu.

Era nítido que a direção da escola não concordava com a realização do evento e que estava esperando que algo de ruim acontecesse. O carro de polícia também poderia servir para intimidar os alunos e evitar uma possível depredação da escola ou até mesmo inibir o consumo de maconha, o que normalmente não acontecia nas dependências da escola, mas foi algo pontuado pela direção e alguns professores durante as reuniões nas quais eram negociadas as condições para a realização do evento.

É uma triste constatação, pois tais atitudes por parte da escola deixa evidente que não há uma relação de confiança da escola para com os seus alunos, a escola não acredita na capacidade criativa dos seus alunos, mas aposta todas as suas fichas no contrário, na sua potência destrutiva.

Pude ter uma longa conversa com algumas lideranças da escola, os alunos e alunas mais populares, que segundo os professores são os que causam mais problemas por indisciplina. Tive uma conversa sincera e objetiva. Disse para eles que a direção da escola e alguns professores esperavam que algo desse errado no evento para que nunca mais pudéssemos fazer outro do tipo nas dependências da escola, então antes mesmo que eu terminasse de falar, um deles disse-me: *“Então eu nem vou vir, porque eu me conheço e sempre que eu estou muito feliz, eu faço alguma besteira”*.

Então eu disse que ao invés de ele não ir ao evento, poderia ir e me ajudar na produção, tentando prever os possíveis problemas.

No dia do evento, esses meninos e meninas usaram a blusa da produção, uma blusa azul, diferente das outras que estavam sendo distribuídas para o restante dos alunos, e só o fato de colocaram uma blusa diferente, que estava sendo usada por professores, artistas e produtores, já causou uma mudança de comportamento, criou-se uma atmosfera de responsabilidades que nunca foram passadas e sequer faladas para eles, mas durante todo o evento eles cuidaram de cada detalhe, propuseram melhorias e resolveram algumas questões, como por exemplo o fato de alguns alunos saírem com frequência da escola para fumar embaixo da passarela que fica em frente à escola.

Como havia um carro de polícia circulando a escola, eles ficaram preocupados e então fomos verificar ver se os meninos estavam fumando maconha, mas não estavam, eles estavam fumando cigarro e mesmo assim não queriam fumar dentro da escola para, segundo eles, não faltarem com o respeito.

Os estudantes das escolas do entorno participaram, assim como *rappers*, DJs, grafiteiros, BBoys,¹² jogadores de basquete, atores, poetas e skatistas do bairro e de outras cidades.

É importante ressaltar que, ao lado dessa escola onde estava acontecendo o evento, havia outra escola, também Ciep, mas um Ciepbilíngue, onde a maioria dos estudantes não residia no bairro, logo a relação entre os estudantes e até mesmo entre os professores das duas escolas era quase nula. A escola bilíngue era conhecida como a escola dos *playboys* e a outra escola como a escola dos favelados.

O dia desse evento foi um divisor de águas, pois vários estudantes da escola bilíngue entraram pela primeira vez nesta escola para participar do evento, e participaram tanto da batalha de *MCs* quanto do microfone aberto.¹³

.....
12 Dançarinos de *breakdance*.

13 Momento no evento em que as pessoas podem participar artisticamente.

Todos os estudantes da escola participaram do evento, neste dia a aula não foi no formato tradicional. Alguns professores participaram, outros olharam de longe e muitos foram embora sem colaborar com a atividade, apenas dispensaram seus alunos.

Os educadores, através de seus parceiros, conseguiram pistas de skate, aparelhagem de som para oficina de DJs, *decoflex*¹⁴ para oficina de breakdance,¹⁵ *spray* para oficina de *graffiti*, realizaram batalha de *MCs*, sarau de poesias, os estudantes se apresentaram artisticamente, apresentaram a música e o clipe produzidos coletivamente.

O jovem Claudio Jorge, protagonista do videoclipe também foi o protagonista de toda a ação. E quando foi perguntado sobre o significado do #RapLAB, ele disse: “É a chance de conseguir o que você quer pela música ou pela educação”.

O animador cultural Antônio Feitosa concluiu que o objetivo desse tipo de atividade é “aproximar mais a escola da comunidade, porque além de você abrir a escola, tem um retorno para a escola e pra comunidade”.

Através do *rap*, fomos percebendo aquilo que Nilda Alves (2008) chama de “redes de conhecimentos e significações”, quando o *rap* se constituiu no espaçotempo de ampliação das nossas redes, processo sempre coletivo de tessitura, gerando um currículo escolar que vai muito além de um capital cultural (BOURDIEU, 1990) ou conhecimento hegemônico, pois, circula e vai além das nossas próprias redes.

Fomos todos nos sentindo capazes de tecer novos conhecimentos, e tornando-nos livres da verticalização hierárquica da lógica de ensino bancário das escolas, sabendo que podemos produzir um novo conhecimento amanhã que superará o de hoje, que por sua vez se dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã (FREIRE, 1996)

.....
14 Tapete de borracha utilizado para a prática de *breakdance*.

15 *Decoflex* são pisos vinílicos flexíveis que são aplicados no chão e frequentemente utilizados em eventos de *hiphop* para que *bboys*- dançarinos de *break* - possam executar suas manobras.

como concluiu um dos estudantes, que aparentava ter uns 13 anos de idade: “*Eu sempre gostei de vir pra escola, mas com o projeto RapLAB eu gostei mais ainda, comecei a fazer graffiti e já tô bom*”.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, 2010.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. (org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.

ANDRADE, N. Uma escola perambulante. *Academia*, [s. l.], 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/10101868/Por_uma_escola_perambulante. Acesso em: 11 out. 2018.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

COUTINHO, E. O olhar no documentário. In: COUTINHO, E.; BRAGANÇA, F. *Eduardo Coutinho*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda, 2009.

DARBY, D.; SHELBY, T. *Hip hop e a filosofia: da rima à razão*. São Paulo: Madra, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 64. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

THOMPSON, S. L. Tá ligado no q to falando? Significados das letras do hip hop. In: DARBY, D; SHELBY, T. (org.). *Hip hop e filosofia: da rima à razão*. São Paulo: Madra, 2006. p. 125-137.